

**EM RESPOSTA A QUEM DEFENDE A CRIANÇA QUEER, IMAGINANDO UM
FUTURO O QUAL SEU CORPO SEJA POSSÍVEL**

***Eixo Temático ET 06 - Corpo e Gênero na Arte como Potência e Vida em
Memórias e Resignificações da Existência***

Bruno Azzani Braga¹
Reginaldo Moreira²

RESUMO

Esta pesquisa se faz a partir da análise de discurso do filme *La cité des enfants perdus* (1995) articulado com o texto *Qui défend l'enfant queer?* de Paul B. Preciado. Com uma leitura centrada no processo da heteronormatividade, bem como é teorizado por Judith Butler, entendeu-se que os movimentos conservadores constroem e projetam um imaginário do futuro a partir de um ideal de criança inexistente. Isso gera o efeito de apagamento da validade subjetiva da experiência de outras crianças cuir/queer e justifica as violências cometidas nesses corpos. Destaca-se nesta pesquisa como o processo de construção imagética é fundamental para as ações concretas, pois forma um guia de onde se quer chegar, como exemplificado pelos movimentos de fabulação especulativa.

Palavras-chave: Subjetividade. Imaginação. Infância.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* (Mestrado) em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, brunoazzanibraga@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo – USP, regismoreiraregis@gmail.com.

Introdução

Em 2013 Paul B. Preciado escreve ao jornal francês *Libération* o texto *Qui défend l'enfant queer?* (Quem defende a criança queer?). Seu artigo é uma resposta a uma marcha, organizada por algumas pessoas de renome como a humorista Frigide Barjort, manifestando-se contra o casamento homossexual. Uma das estratégias desse movimento é relacionar a infância como uma espécie de hospedeira dos valores da hegemonia heterossexual. Segundo PRECIADO (2013) a criança defendida por esses movimentos é inexistente. Seria então um *enfant* ideológico, sendo a consequência máxima o roubo e a destruição dos sonhos dos outros. O que esses protestos conservadores fazem é tomar seus desejos por realidade (TODOROV, 2003). Eles reiteram ações culturais como naturais (meninos sapecas e meninas tímidas) reforçando papéis de gênero (BUTLER, 2019). “Uma criança que privam de qualquer forma de resistência, de qualquer possibilidade de usar seu corpo livre e coletivamente[...]” (PRECIADO, 2013, p.1). A principal operação disso se concentra na diminuição da criança retirando sua agência política, relegando-a a postura de passividade. Se ela não tem capacidade de agência e expressar suas vontades, alguém não deveria rogar em favor dela? Para pessoas como Frigide Barjort, é essencial que a resposta seja: sim e somos “nós” que a protegeremos. “Nós” que defendemos um direito digno de infância; “nós” que sabemos como de fato a sociedade deve funcionar para chegar no seu futuro. Desde que ambos os casos a finalidade seja heterossexual.

Isso aproxima Barjort e o movimento que defende, a voracidade que o cientista Krank usa dos mundos oníricos dos outros para criar suas próprias realidades, mesmo que causem pesadelos nos outros. Essa personagem do filme *La cité des enfants perdus* (1995, Ladrão de sonhos), de Jean-Pierre Jeunet e Marc Caro, é um cientista criado para superar seu criador, contudo ele não consegue sonhar. Nesse filme as crianças precisam crescer rapidamente sobreviver no ambiente e não serem sequestradas pelo *Eye*, se tornando cada vez mais conformadas com o seu próprio não sonhar.

Autores como Gilles Deleuze (2005), em suas análises como no texto *A potência do falso*, do livro *A imagem-tempo*, defendem como o audiovisual projeta-se como denunciadora de processos e efeitos discursivos. A partir da criação de uma fábula, ela se reintegra a realidade evidenciando processos particulares de discursos e subjetividades. Essa ideia atrelada a metodologia de análise de discurso, inspirou a construção do objetivo geral desta pesquisa como sendo: investigar como os discursos conservadores de proteção da criança perpassam por uma construção de imagem do futuro que devora outras possibilidades. Para auxiliar nesse tema procurou-se entender como a projeção de futuro é essencial para



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

movimentos da ficção especulativa, enquanto estratégias de resistência na atualidade e como a heteronormatividade, como estruturada por BUTLER (2019) tenta se estruturar nessas operações. Para a análise do discurso foi utilizado o filme já citado como denúncia do futuro que se tenta construir sem a defesa da criança cuir/queer, principalmente entendendo como seu corpo e sua mente vão sendo coaptadas para a ideologia de uma criança passiva. Ao final da pesquisa conclui-se como os enunciados conservadores acabam por limitar a própria experiência de ser no mundo de quem enuncia, ao mesmo tempo que se percebeu que a defesa da criança se torna faxada apenas para a defesa do direito de controle para concretude de um futuro que seja heterossexual.

Metodologia (ou materiais e métodos)

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a análise de discurso pela linha francesa. Como evidencia Marcia Benetti (2016), essa é uma técnica aqueda as pesquisas na área de comunicação. A estrutura que se vivencia perpassa por um processo de dialogismos, ou seja, a realidade será permeada pela interação como um dispositivo de dar sentido a ela. Nessa operação o sujeitos (intersubjetividade) e os discursos (interdiscursividade) se relacionam. Essa relação será fundamental para que o enunciador e destinatário se encontrem nos jogos sociais evidenciando uma série de formações imaginárias (PÊCHEUX, 1990, p. 82, *apud*. BENETTI, 2018). “O lugar determinado na estrutura de uma formação social” evidencia o que se pode chamar de posição de sujeito – este lugar de enunciação, construído socialmente, que indivíduos diferentes vêm ocupar de modo sucessivo”(BENETTI, 2018, p.237). Essa metodologia auxiliou criar paralelos entre os discursos do filme com os discursos heteronormativos.

Referencial teórico

A imagem e imaginação são dois conceitos que fundamentam esta pesquisa, contudo existem em disputa por sua definição. Autores como Vilém Flusser (2002) definem a imagem como “superfície significativa na qual as ideias se inter-relacionam magicamente” (FLUSSER, 2002, p.6), contudo a ideia de superfície opera no campo bidimensional, torna-se claro isso ao definir o termo “imaginação” como a “capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas”(FLUSSER, 2002, p.7). Contudo para autores como Jean-Paul Sartre a formação da imagem ocorre através da experiência (SARTRE, 1973), sendo assim é formada por som, cheiro, e etc. Para esta pesquisa não se abandona toda teorização de FLUSSER (2002) a



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

respeito de imagem, pois ele prevê uma operação que Sartre recusa: o uso da imagem como mediadora do mundo, visto que *a priori* a humanidade deve ser colocada no mundo, não existe uma existência naturalmente objetiva dela, precisa-se ser introduzida (FLUSSER, 2002). As imagens teriam o efeito de mediar o mundo como mapas/representações de coisas que ainda poderiam ser vistas/vivenciadas/experimentadas. Esta pesquisa acaba por entender que existem operações que serão antecipadas pela construção de uma imagem que irá ser mediadora de ações concretas no presente, contudo ela é duplamente formada por experiência do presente e fabulações do que se pretende não sendo limitadas a bidimensionalidade.

A ficção especulativa se utiliza justamente dessa forma de operação da imagem como inspiração e força motriz para criação da sociedade. A imagem aqui ganha esse efeito de intermediar um mundo possível baseado nas experiências dos corpos; movimentos como Afrofuturismo, Amazofuturismo e Sertãoopunk (ZUIN, 2022) são próximos a essa aceção de um imaginário construído pela análise da conjuntura atual sobre tudo das vivências de corpos, criticando uma série de estereótipos e tentativas de destruição de corpos no futuro. Exemplo disso foi a promessa de futuro, no final do século XX, pela tecnologia, como processo de descorporificação do sujeito (NELSON, 2002), criando a imagem que as problemáticas de gênero/sexualidade, raça e classe seriam esquecidas, o que na prática não aconteceu. A discussão de NELSON (2002) sobre o Afrofuturismo demonstra como as estruturas racistas, por extensão a partir da interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019), lgbtqpi+fóbicas, capacitistas, classistas, etc. continuam a operar, classificar e despossuir de futuro determinados corpos. Sendo assim pensar a *black culture* do futuro se torna criticar e buscar ações no presente.

Um local que pode ser considerado privilegiado para a projeção desses mundos é o sonho, movendo, a partir do ato de imaginar, ações concretas, como o discurso de Martin Luther King Jr. *I Have a Dream*. Contudo, o que ocorre quando alguém rouba sonhos? Em última instância é reprogramar a operação imaginária, delimitando possibilidade, e no aspecto da criança cuir/queer de se explorar e conhecer-se. O livro *O desejo dos outros - uma etnografia dos sonhos yanomami* de Hanna Limuja é um exemplo concreto de como subjetividades, mitos e ações operam na ação dos indivíduos, mas o mais especificamente quando o xamã Davi Kopenawa reafirma o sonho como preponderante na vida yanomami (LIMUJA, 2022). Essa potência do sonhar também perpassa no universo da infância. Talvez aqui surja a preocupação com seu imaginário, pois em uma sociedade que a norma heteronormativa predomina (BUTLER, 2019) a forma com a qual nos projetamos a partir da subjetividade são essências para manter-se como hegemônica. A legitimidade da expressão da



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

heterossexualidade se faz em uma ação constante de reforço da orientação por identificadores pré-estabelecidos em determinados contextos; seus significados precisam estar sendo ativamente recuperados no imaginário para surtir o efeito do “ler-se” de determinada forma, em uma ação performativa (BUTLER, 2003).

Resultados e discussão

A trama evidencia como a operação do *Eye* se torna como uma metáfora aos defensores mais conservadores, como mão de obra da construção de um futuro que permite a barbarie. Em seu serviço de sequestradores de crianças, *Eye* as troca pelos aparatos produzidos por Krank. Seu discurso é essencial para convencer que outros se alinhem a sua cruzada contra o mundo da perversão e das aparências, e é apresentado durante um plano sequência de cerca de 2 minutos:

“A verdadeira luz é invisível. Penetrem no corredor das sombras e vocês entrarão no mundo dos escolhidos. Renunciem ao dom da visão. Eu sei que há céticos entre vós, receosos de partilhar conosco a morte da noite. Tenham coragem. Renunciem ao dom da visão. Arranquem vossos olhos. Juntem-se a nós. Ajudem a nos construir um mundo melhor.”

(CAPANGA, em LA CITÉ DES ENFANTS PERDUS, 1995)

Eis que os seguidores devem se cegar e substituir sua visão bifocal para monofocal usando o aparato trocado. Os corpos, as mentes e os sexos precisam então se conformar a nova prótese, nesse momento se tornam em uma espécie de ciborgue anti-harawayniano (HARAWAY, 1985). Seu trabalho é alienante o suficiente para que sequestrar crianças e vendê-las como um produto são justificáveis. O escambo delas se torna uma troca de sonhos, o sonho de futuro que os *Eye* imaginam pelo das crianças, reforçando a lógica do imaginário projetando-se em ações para tornar-se real. Curiosamente, essa imagem parece se assemelhar a sala de reunião do grupo: apenas com ciborgues a imagem dos homens brancos vestidos de cinza. Enquanto isso todas as cores dos sonhos são aprisionadas junto ao corpo das crianças nos sarcófagos de Krank que posteriormente virá a lhe roubar os sonhos. Aqui a criança cúir/queer é morta, pois além dela ser destituída de todo movimento físico sua mente entra em conformação. Os objetos protéticos que a envolve são armas poderosas da conformação, assim como John Money ao usar o termo gênero para classificação de um papel social ou identidade psicológica com o objetivo final sendo a conformação dos corpos, ou produção subjetiva a partir de dois modelos, (PRECIADO, 2018) Krank se apropria dela, no universo da ficção científica, para modular de forma ainda mais profunda a subjetividade, adentrando no reino onírico. Parece que quando se chega nesse nível de apropriação, Krank,

Money ou Barjort, não conseguiram só tentar materializar uma proto-criança, ou melhor, uma criança protética conformada, mas matar A Criança *a priori* e *a posteriori*. As que sobrevivem ou acha que escaparam de todo esse processo, vivem com medo e passíveis para outros abusos, os quais elas ainda evitam em comentar, pois consideram como parte do jogo dado.

“A biopolítica é vivípara e pedófila. A reprodução nacional depende disso. A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma ronda os corpos meigos. Se você não é heterossexual, é a morte o que te espera.”

(PRECIADO, 2013, p.2)

A projeção da imaginação dessas criança “sobreviventes” torna-se limitada, como ela criará uma imagem de si que não seja diferente do que lhe é posta? Tanto o nível da experiência como da fabulação são capturados, e a norma adentra seus corpos, pois não estaria apenas em uma ideia de ser e de futuro, mas arraigado na mente. Bem como NELSON (2002) entendem a potência do Afrofuturismo como a possibilidades para a construção de um mundo que encare as problemáticas de fato, seria necessário projetar um futuro que leve essas crianças cuir/queer como possibilidades defazendo, como no filme, os laboratórios dos ladões de sonhos.

Considerações finais

Esta investigação concretiza-se uma crítica a defesa ao direito da criança cuir/queer de existir, reafirmando seus corpos e elas em sua totalidade como políticos, entendendo que já fabulam possibilidades de ser, projetando-se no mundo. Análise do discurso através de filmes, como *La cité des enfants perdus*, articulada a ideia de construção de futuro (com a metáfora do sonhar como algo a ser alcançado) auxiliam na denunciam da realidade e intigam aos pesquisadores a pensar em como criar futuros que essas crianças estejam presentes. Uma importante contribuição da pesquisa foi invetsigar que projetar um futuro sem gênero não reduz as injustiças atuais, essa imagem tem o efeito oposto: apagando e violentado esses corpos por um viés justificável. Futuras pesquisas possam resgatar esse imaginário futurista cuir/queer.

Referências

- AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p.ISBN 978-85-98349-69-5.
- BUTLER, J. Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo". São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. 21ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles. “A potência do falso”. In: A imagem-tempo. Cinema 2. São Paulo: Brasiliense, 2005[1985].
- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002
- La cité des enfants perdus. Direção: Jean-Pierre Jeunet e Marc Caro. Produção: Claudie Ossard. Local: Espanha e França, 1995.
- LIMUJA, Hanna Cibele Lins Rocha. O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhosyanomami (pya ú – toototopi) / Hanna Cibele Lins RochaLimulja ; orientador, José Antonio Kelly, 2019. 153 p.
- HARAWAY, Donna J. A Cyborg Manifesto. Socialist Review. 1985.
- NELSON, Alondra. Introduction. Future Texts. Social Text, vol.20, n.2, 2002.
- PRECIADO, P B. Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- PRECIADO, Paul B.; MARCONDES NOGUEIRA, F. F. Quem defende a criança queer?. Jangada: crítica | literatura | artes, [S. l.], n. 1, p. 96–99, 2018. DOI: 10.35921/jangada.v0i1.17. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- SARTRE, Jean Paul. A imaginação. In: CIVITA, Victor (Org.). Os Pensadores XLV. São Paulo: Abril Cultural, 1973[1950].
- TODOROV, Tzvetan. “A descoberta da América”, “Colombo hermeneuta”, “Colombo e os índios”. In: A conquista da América. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1982].
- ZUIN, Lidia. Decolonizing Brazil through Science Fiction: Bacurau and Brazilian Empowerment. Humanities 11: 63. 2022. <https://doi.org/10.3390/h11030063>.